

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MONTEIRO: MEMÓRIAS, OFICINAS PREPARATÓRIAS, HISTÓRIAS DE VIDA E O MAPEAMENTO DOS BENS CULTURAIS

*Participatory Inventory of Monteiro's Cultural Heritage: memories, preparatory
workshops, life stories, and the mapping of cultural assets*

José Willians Simplicio da Silva
José Maxsuel Lourenço Alves
Éricson da Nobriga Torres
Telma Lucia Bezerra Alves Aires
Maria Vitória Teixeira Liberal
Lorany Sind Alexandre Lins

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar a síntese de parte da experiência vivenciada na docência com estudantes do ensino médio, desenvolvidas no projeto de extensão “Inventário Participativo do Patrimônio Cultural de Monteiro”, submetido e aprovado na Linha Temática Patrimônio Cultural, Histórico e Natural, do Edital PROEXC Nº 12/2025, realizado no âmbito do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) - *Campus Monteiro (CMT)*. Nessa ação, os/as participantes foram iniciados para atuarem na extensão, sendo compreendidos e assumindo o protagonismo de sua própria história a partir de narrativas orais de seus familiares e pessoas da comunidade, referências no lugar, para falar sobre patrimônio cultural. Durante a execução do projeto fez-se a formação dos/as participantes para executarem as etapas nele previstas utilizando questionários para orientar as entrevistas orais, bem como consulta a fontes históricas múltiplas por meio de equipamentos eletrônicos considerados importantes pelos/as estudantes para registrar e contar a história sociocultural de seus familiares e sujeitos do território. Nessa trajetória, percebeu-se que, na educação básica, é possível desenvolver trabalhos em campo capazes de iniciar o acadêmico como extensionista e pesquisador, fomentando a compreensão e construção de conhecimentos históricos e aproximando relações de identificação com a espacialidade do território onde estão inseridos.

Palavras-chave: Espaço; História de Vida; Inventário participativo; Patrimônio cultural; Território e identidade.

Abstract

This article aims to present a synthesis of part of the experience gained through educational activities with high school students, developed within the extension project "Participatory Inventory of Monteiro's Cultural Heritage," submitted and approved under the Cultural, Historical and Natural Heritage Thematic Line of PROEXC Notice No. 12/2025, carried out within the scope of the Federal Institute of Paraíba (IFPB) - Monteiro Campus (CMT). In this action, the participants were introduced to extension activities, being understood and assuming the protagonism of their own history based on oral narratives from their family members and people from the community, references in the place, to talk about cultural heritage. During the project's execution, participants received training to carry out the planned stages, using questionnaires to guide oral interviews, as well as consulting multiple historical sources through electronic equipment considered important by the students to record and recount the sociocultural history of their families and subjects in the territory. In this process, it became clear that, in basic education, it is possible to develop fieldwork capable of introducing students to extension work and research, fostering the understanding and construction of historical

knowledge and promoting a sense of identification with the spatiality of the territory in which they are situated.

Keywords: Space; Life history; Participatory inventory; Cultural heritage; Territory and identity.

INTRODUÇÃO

Desenvolvido no segundo semestre de 2025 no *Campus Monteiro*, o projeto de extensão “Inventário Participativo do Patrimônio Cultural de Monteiro” surgiu da proposta e do compromisso do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) com o desenvolvimento sustentável, a transformação social e a valorização cultural do território monteirense. Em parceria com a Multicast Arqueologia, responsável pelo monitoramento arqueológico do Projeto Transparaíba, no Cariri paraibano, a iniciativa visou fortalecer a educação patrimonial, preservar a memória e reconhecer as dinâmicas socioculturais locais. A ação reafirma o papel do IFPB como agente de articulação entre saberes acadêmicos e populares, promovendo o envolvimento das comunidades e a proteção dos seus direitos culturais. Além disso, objetivou reconhecer e salvaguardar, participativamente, o Patrimônio Cultural presente no território – incluindo saberes, celebrações, lugares, objetos e formas de expressão – do município de Monteiro, por meio do levantamento e registro de memórias associadas a lugares e espaços das comunidades atendidas pelo IFPB-MT.

A construção e a execução do projeto foram realizadas por uma equipe interdisciplinar de historiadores, geógrafos, sociólogos, filósofos, biólogos e estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPB-MT com a parceria social das arqueólogas do corpo técnico da empresa Multicast Arqueologia. A pesquisa se deu a partir da coleta de histórias de vida dos próprios estudantes e de seus familiares, bem como da pesquisa de campo nas comunidades tradicionais atendidas pelo IFPB-MT, na região do Cariri paraibano. Durante a pesquisa de campo, foram entrevistados agentes culturais, educadores, pesquisadores locais, representantes de movimentos sociais, mulheres artesãs, agricultores, rezadores, lideranças comunitárias engajadas na valorização e preservação do patrimônio cultural e moradores da zona rural e urbana.

A realização do projeto ocorreu em três etapas, a saber: Etapa I – realização de oficinas preparatórias, ofertadas aos estudantes, sobre educação patrimonial, história de vida, história oral, território e memória e categorias geográficas como ferramenta para análise do município de Monteiro; Etapa II – realização de inventário participativo junto aos/as estudantes do *Campus Monteiro* do IFPB e sujeitos do território de Monteiro (entrevistas e coletas de fontes históricas - documentação); Etapa III – publicização dos resultados com confecção de material com a entrega de relatório com resultado do trabalho de extensão produzido pela equipe de participantes, cujo objetivo facultou divulgar os trabalhos realizados, como parte de uma política de valorização do patrimônio e da diversidade cultural identificadas nas comunidades atendidas pelo IFPB-MT, especificamente no território do município.

Com isso, a iniciativa oportunizou que os estudantes do IFPB-MT, ao mesmo tempo que aprendiam conceitos teóricos no espaço escolar, em aulas de diversos componentes curriculares, tivessem participação efetiva na construção de suas próprias histórias, se reconhecessem pertencentes ao entorno, reelaborassem suas identidades culturais e se sentissem agentes na preservação de patrimônios culturais identificados naquela espacialidade. Assim como permitiu aos servidores participantes e técnicos da Multicast a ampliação do capital cultural sobre fazedores de cultura, a respeito do lugar e suas nuances locais.

As impressões registradas no Projeto tornaram-se importantes e viáveis, posto que fomentaram, para além do contato e a vivência com a extensão no ensino básico, o interesse de

estudantes pelo passado, pela trajetória de formação das espacialidades nas quais seus familiares e eles/as construíram e deram sentido às vivências, às suas trajetórias de vida. Assim, o território, o bairro, a cidade, o sítio e a comunidade foram reapropriados e ressignificados durante o percurso do projeto, cuja proposta objetivava contribuir para identificação, materialização e possível preservação dos bens e das referências culturais mapeadas no território.

1 Oficinas preparatórias: território, educação patrimonial, história de vida e história oral – teoria e aprendizagem no *Campus* Monteiro

É sabido que a proposta de formação acadêmica ou educacional dos Institutos Federais é ancorada no tripé ensino, pesquisa e extensão. Nesse prisma, o acesso a essa tríade, ainda no ensino básico profissional, é de grande relevância para “otimizar os espaços de saber que a sociedade pode nos proporcionar, não somente aproxima os alunos da comunidade, mas também os faz refletir sobre os espaços de socialização” (Teixeira *et al.*, 2013, p. 594).

Objetivando orientar os/as alunos/as do IFPB-MT para o trabalho de extensão e pesquisa em campo, foram realizadas três oficinas preparatórias com a participação de cerca de 26 estudantes voluntários e uma bolsista, sendo, na maioria, adolescentes entre 15 e 17 anos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do IFPB-MT. Definidas as etapas previstas no edital de extensão assinalado, fez parte da primeira ação do projeto a realização de ampla divulgação nas dependências do *Campus* (murais e salas de aula) no intuito de convidar aqueles que tivessem interesse de colaborar como voluntários. Ainda nesse sentido, foi criado um perfil do projeto nas redes sociais com postagens (vídeos, fotos e artes do projeto – com formulário eletrônico de inscrição) em colaboração com as redes sociais institucionais do IFPB-MT. Apresentamos nas imagens abaixo o perfil do projeto no *Instagram* e um dos *folders* de divulgação da primeira oficina do projeto:

Figura 1 – Perfil do projeto no Instagram



Fonte: Redes sociais do projeto/Multicast Arqueologia (2025).

Figura 2 – Divulgação da primeira oficina projeto no IFPB-MT



Fonte: Redes sociais do projeto/Multicast Arqueologia (2025).

A partir dessa ação de chamamento, tivemos, à tarde, a primeira oficina do projeto no *Campus*, com duração de quatro horas, e aconteceu no dia 08 de agosto de 2025. A oficina tratou do Eixo “Categorias geográficas como ferramenta para análise do município de Monteiro”. Ela teve como oficinairos os professores de Geografia, Telma Aires e Ericson Torres, ambos membros da equipe do projeto e servidores do IFPB-MT. O início dos trabalhos da oficina deu-se com a apresentação dos participantes, a saber, oficinairos/as e estudantes. Ao longo da oficina, o grupo pôde compreender a dinâmica do projeto, ter acesso e desenvolver conceitos relevantes para uma compreensão mais profícua da Geografia, além de aspectos históricos e culturais fundamentais para a formação social e identitária do município.

As habilidades exteriorizadas pelos participantes durante a oficina resultaram na confecção de cartazes relacionados às temáticas abordadas, a saber: lugar, paisagem, território, espaço e região. É importante destacar que as produções dos cartazes foram fixadas nas dependências da instituição, para que os conteúdos pudessem afetar a comunidade escolar para além do público das oficinas. A oficina foi encerrada com uma visita técnica à Serra do Cruzeiro, importante ponto turístico, geográfico e histórico, reconhecido também como patrimônio cultural da região. Esse momento oportunizou o conhecimento da topografia do lugar, o fortalecimento da conexão com a natureza e o acesso a um espaço que, para alguns, é sagrado, sendo local de peregrinação e romaria. Além disso, da elevação topográfica, pôde-se refletir sobre a expansão da cidade de Monteiro ao longo do tempo.

Na execução da primeira oficina foi feito um trabalho com uso do mapa do município de Monteiro/PB. Ao acessar o mapa os/as alunos/as puderam se apresentar para o público presente, identificar o local onde nasceram, o ano/década, e o lugar de onde eles vieram, de onde vieram seus pais e familiares para Monteiro, delimitar o território a ser inventariado, bem como onde estão vivendo atualmente. Nesse mapa alguns estudantes fizeram a identificação do processo de deslocamento migratório no próprio município/estado, possibilitando, pois, a aproximação deles/as com o lugar onde residem e identificando essas espacialidades como portadoras de história e como um campo passível de múltiplas pesquisas e sociabilidades.

Analisando o mapa de Monteiro e as discussões que foram feitas percebe-se que, para além das motivações dos deslocamentos locais, parte dos/as estudantes do IFPB/CMT tem

origem familiar em outras regiões do estado da Paraíba e em outros estados brasileiros. Cada um trouxe particularidades da sua trajetória familiar e pôde reelaborar, aprender e construir novos saberes e práticas culturais. Nessa ótica, é também objetivo do projeto valorizar a diversidade cultural que cada participante carrega, vivencia e compartilha em forma de sociabilidade.

Tal perspectiva se mostrou de grande potencial reflexivo, sobretudo para desconstruir e questionar discursos e práticas xenofóbicas, erigidas em espacialidades fronteiriças, cujos sujeitos, depois de *estabelecidos*, “esquecem” do fato de que um dia seus familiares também foram migrantes em deslocamento e passam, então, a destratar, recusam novos/as chegantes sob a perspectiva de que estes seriam uma “ameaça”, “invasores”, “outsiders” (Elias; Scotson, 2000). Cabe considerar que, no processo de deslocamento pela Paraíba, esses processos migratórios mostram aspectos peculiares. Conhecer essas singularidades é importante para verificar a riqueza de experiências de cada grupo social a partir das vivências e leituras do mundo que lhes são próprias, conferindo-lhes particularidades dentro de um conjunto de ações e comportamentos comuns (Silva, 2018, p. 12).

O segundo e o terceiro ciclos de oficinas no *Campus Monteiro* ocorreram nos dias 12 de agosto de 2025 e 22 de agosto do corrente ano. Para essas oficinas, foram propostos e trabalhados, respectivamente, os Eixos “História Oral, História de Vida e Memória” e “Educação Patrimonial”. Das oficinas, ministradas pelos professores e historiadores João Kaio Arruda e Maxsuel Alves, bem como pelas arqueólogas da empresa Multicast Arqueologia, participaram estudantes vinculados à equipe do projeto, extensionistas voluntários e a bolsista. Com esse intuito, foi realizado o convite para as oficinas por meio de artes divulgadas nas mídias sociais (*Instagram*) e em grupos de *WhatsApp*, conforme apresentado nas Figuras 3 e 4.

Figuras 3 e 4 – Arte de divulgação das oficinas 2 e 3 do projeto



Fonte: redes sociais do projeto/Multicast arqueologia (2025).

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, eles/as foram orientados/as pelosicineiros a usar meios eletrônicos (celular, filmadora e câmera fotográfica) como forma de fazer o registro de entrevistas e documentação. Também se apresentaram essas tecnologias e equipamentos como passíveis de serem utilizados na preservação, conservação, leitura de

imagens e para o próprio acesso e manipulação de documentos diversos sobre as espacialidades investigadas, disponíveis em plataformas digitais na *internet*.

Essas oficinas foram relevantes, posto que o/a próprio/a estudante vinculado ao projeto também foi responsável por realizar o trabalho de campo, ou seja, fazer a entrevista oral com seus familiares, o registro fotográfico, o tratamento documental, dentre outras fontes históricas reunidas. Para tanto, efetuaram-se pesquisas históricas utilizando questionários de entrevistas semiestruturadas, conforme sugerido e orientado pelos extensionistas responsáveis pelo projeto, em especial naquilo que foi compreendido por História Oral, Memória, Documentação Histórica e Educação Patrimonial, durante as últimas oficinas previstas.

Essas oficinas foram propostas de maneira articulada, pois a ação de produção de relatos orais de memória e de reflexão sobre o patrimônio é indissociável neste projeto. Existem, portanto, diálogos entre os conceitos de identidade cultural, cultura, referências culturais, memória individual e coletiva, história oral, história de vida, patrimônio cultural, saberes, objetos, celebrações, fontes históricas primárias, arqueologia, entrevistas, território e formas de expressão, dentre outros, os quais se mostraram relevantes para o desenvolvimento do projeto.

Nesse sentido, essas oficinas contribuíram para refletir sobre a organização e a identificação das categorias usuais na área do patrimônio cultural que seriam identificadas e reconhecidas no território de Monteiro ao longo do projeto de extensão. Ademais, oportunizaram aos participantes diferentes compreensões acerca do que constitui o patrimônio cultural, proporcionando, entre outros aspectos, uma ressignificação da própria educação patrimonial. Assim, inventariar é pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se deseja conhecer melhor. Dessa forma, ao se propor a realização de um inventário, pode-se afirmar que se pretende desenvolver um trabalho sistemático de coleta e organização de informações que auxiliem na compreensão do objeto pesquisado.

Ao discutir a respeito dos conceitos ponderados acima, o grupo de servidores e técnicos oficinairos/as foi agraciado com a identificação, pela comunidade estudantil envolvida na ação, de variadas categorias de patrimônio materiais, imateriais ou intangíveis nos locais onde residem os/as alunos/as do *Campus* Monteiro, como: Pega de boi, Festa de Padroeiro, Festa Junina, casarões, igrejas, Objetos de uso pessoal e coletivo, artesanato, renda renascença, bandas de forró, santuário, comidas da culinária nordestina e suas peculiaridades locais, praças, feiras, musicalidades, danças, vestimentas, como parte dos bens culturais que rodeiam e fazem parte das identidades culturais dos/as estudantes.

É interessante observar que, nas oficinas, especialmente sobre História de Vida, foi possível a identificação por parte dos estudantes de algumas categorias de bens patrimoniais (emocionais, intelectuais e materiais), como lugares, formas de expressão, celebrações e divertimentos (Quadro 1).

Quadro 1 – categorias de patrimônio identificadas pelos estudantes no entorno do IFPB/CMT

Patrimônio Cultural		
Nome do Bem	Categoria	Lugar/Localização
Nome de Maria como ancestralidade na Família	História de vida e Memória familiar	Sede do município
Mercado Público, Igreja Matriz, Cruzeiro, Escola, Bairro Rural	Lugares e patrimônio cultural material	Sede do município
Procissão de Santo Padroeiro	Celebrações	Sede do município
Benzedoiras	Saberes	Sede do município
Reuniões Familiares, contar histórias de espíritos.	Celebrações e Formas de expressão	Sede do município

Novelas (roteiros, gravações, registros)	Bens materiais móveis e Documentos	Sede do município
Filmes	Celebrações	Sede do município
Pescas, Brincadeiras como: esconde-esconde, pega-pega, administração, escorregar no sabão, brincar de ator	Saberes, formas de expressão	Sede do município
São João no Sítio São Francisco	Celebrações	Sede do município

Fonte: elaborado pelos autores (fev. 2026).

Algumas dessas referências culturais identificadas pelos estudantes são informações presentes nos fragmentos das Histórias de Vida e nas entrevistas realizadas com pessoas da comunidade, posteriormente materializadas nos registros escritos pelos extensionistas voluntários, pela equipe e pela bolsista. Problematicar os bens culturais mostrou-se fundamental para o conhecimento da história do lugar, uma vez que situou os/as oficinairos/as na compreensão dos elementos que a própria comunidade elegia e reconhecia como patrimônio histórico, na espacialidade onde os/as estudantes estavam inseridos/as, no contexto do Território de Monteiro.

Com estudos sobre patrimônio histórico Magnani e Morgado (1996 apud Teixeira *et al.*, 2013, p. 594) constataram que:

[...] é uma vertente particular da ação desenvolvida pelo poder público para a instituição da memória social” e, atualmente, o patrimônio tem se estendido a todos os lugares ou atividades culturais levadas a cabo por grupos sociais, com terreiros de candomblé, vilas operárias e até campos de futebol de várzea.

Corroborando com o conceito de patrimônio exposto por Magnani e Morgado (1996), Silva e Silva (2008, p. 324) acrescentam que a noção de patrimônio cultural abarca não só a herança histórica, mas também a ecológica de uma região.

Percebemos, assim, a proximidade da comunidade discente com a identificação do próprio patrimônio histórico e cultural, ou seja, percebendo, no cotidiano de suas vivências, na trajetória de vida de seus familiares, aproximações e relações de pertencimento, atividades culturais ritualizadas em seu município, isto é, em sítios, comunidades, assentamento da reforma agrária, comunidades tradicionais, bairros e cidade. Esses fragmentos inclinam-se para a importância e a possibilidade de reconhecer e preservar esses bens como parte de sua identidade e herança cultural, sem desconsiderar que, a despeito de uma incursão teórica realizada em oficinas temáticas com a equipe do projeto, obviamente a atribuição de sentidos sobre o que seria ou não visto, considerado, identificado como patrimônio, partia dos/as sujeitos/as que constituem aquelas espacialidades monteirenses. Nisso está a relevância das oficinas, cujo intuito era problematizar tais conceitos e, a partir da experiência dos/as estudantes com a espacialidade onde vivem e da qual são parte, pudessem eleger e elencar os elementos aos quais se sentiam pertencentes, àqueles bens com os quais se sentiam reconhecidos.

Essa estratégia facilitou e despertou o interesse da comunidade discente pela história do lugar onde moram e sociabilizam, permitindo, assim, a valorização da memória, do patrimônio, dos lugares, dos modos de vida e a “identificação da comunidade com bens culturais apresentados”, como diria Silva (2018). Na conclusão do trabalho do último ciclo de oficinas foi solicitado aos/às estudantes participantes a elaboração de suas histórias de vida, atividade a ser entregue ao responsável pelo projeto no *Campus* Monteiro.

Para execução desta atividade foi previamente elaborado um roteiro de história de vida pelos oficinairos extensionistas do projeto do *Campus* e entregue aos/às estudantes. De acordo

com a proposta do roteiro, a História de Vida deve iniciar com a identificação do(a) entrevistado(a), informando nome completo, data de nascimento, idade, local onde nasceu e onde reside atualmente, bem como a origem de seus pais e sua trajetória até o lugar onde vive hoje, destacando como foi sua chegada. Em seguida, contempla-se um relato sobre a infância, abordando origem familiar, vida em casa, amizades, brincadeiras, preferências alimentares e percurso escolar, incluindo escolas frequentadas e interesses de estudo. O texto também deve registrar fatos marcantes da vida, experiências significativas, viagens, festas e memórias importantes. Por fim, é fundamental mencionar o que gosta de fazer no tempo livre, o que considera relevante em sua comunidade, descrever o espaço onde mora, indicar a profissão que deseja seguir e compartilhar uma frase que marcou sua trajetória.

Para Carvalho e Costa (2015), o termo “História de Vida” foi forjado na França e pode ser entendido como um relato pessoal a partir de memórias narradas a outra pessoa, isto é, “[...] sobre os fatos vividos e presentes na memória de quem narra, sendo eles relacionados a fatos concretos ou imaginários (Carvalho; Costa, 2015, p. 25). Assim, na percepção das autoras o conceito de História de Vida deve englobar, então, sentimentos, fantasias e emoções de quem narra, superando, dessa forma, a visão positivista “na qual os heróis, datas, mitos, fatos e verdades fechadas eram a sua essência [...]” (Rêgo, 2006, p. 1).

Essa compreensão se inclina para o uso da história de vida como uma fonte de pesquisa para diversas áreas do conhecimento, especialmente para a Antropologia Cultural, a História e a Sociologia. A ideia, portanto, foi reunir o máximo de vestígios históricos possíveis sobre a vida do alunado, interagindo com seus familiares e sua cultura. Ou seja, sobre seus locais de nascimento, a espacialidade local onde residem, os lugares de onde vieram, por que migraram, relatos sobre a infância, formas de divertimento, crenças, brincadeiras, fatos e acontecimentos que consideram importantes, assim como o que consideram importante na sua cidade/bairro/comunidade/sítio/assentamento. Outrossim, foi possível identificar as Histórias de Vida dos/as estudantes como fontes, produto humano e objeto para o conhecimento histórico.

2 Prática extensionista: estímulo à pesquisa de campo e ao mapeamento dos bens culturais de Monteiro

Depois da formação nas oficinas preparatórias, foi realizada uma pesquisa de campo em busca de mais informações para inventariar os bens que, conforme relacionavam, fazem parte do patrimônio da cultura daquelas comunidades, através de leituras iconográficas, fotografias, filmagens e gravação de áudio; além de pesquisa documental em acervos particulares das famílias colaboradoras e integradas à ação. Conforme verificado, essas oficinas buscaram formar a comunidade estudantil e equipe participante para realizar as atividades práticas do projeto. Para tanto, cada estudante voluntário realizou atividade de pesquisa histórica utilizando questionários previamente elaborados e aplicados junto aos seus familiares. Nesse percurso, câmera filmadora, celulares e cadernos de anotações foram utilizados como instrumentos de coleta das narrativas orais tomadas.

Essa abordagem teve o intuito de fazer o registro das memórias narradas pelos parentes dos estudantes e pessoas das comunidades acerca da ocupação do espaço, da origem histórico-social das famílias na região, das mudanças socioculturais fomentadas na localidade. Com isso, pode-se conhecer as formas de expressões culturais, os saberes, celebrações, os lugares, os objetos e as formas de divertimentos ensejadas no entorno do *Campus* Monteiro. Também foi questionada a origem da comunidade, o que era considerado importante no lugar para o convívio social, as crenças locais, formas de entretenimento, as mudanças e permanências na paisagem observadas no percurso e como as pessoas têm agido no intento de preservar aquilo que consideram seus bens culturais.

Nessa perspectiva, foram entrevistados nove sujeitos, de várias idades, profissões e graus de escolaridade, no município de Monteiro. Cabe destacar que parte das pessoas entrevistadas foi indicada pelo quadro de servidores da Secretaria Municipal de Cultura de Monteiro (SECULT). Nesse sentido, de posse do termo de autorização do uso de imagem, previamente concedido pelos/as participantes, elencamos a seguir os nomes, dentre outras informações pertinentes, dos/as sujeitos/as entrevistados/as entre os meses de setembro e dezembro de 2025, quando a equipe do projeto realizou a pesquisa de campo. No que se refere à história oral, esta ocupa um papel central no trabalho, posto que, como afirma Meihy (1996, p. 13), “a história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida, mantendo um compromisso com o contexto social”.

Maria Helena da Silva Rodrigues, 67 anos, mulher branca e agricultora, é responsável e idealizadora do Santuário Nossa Senhora de Fátima, é um espaço destinado à oração, ao pagamento de promessas, às celebrações e às práticas de penitência e recolhimento espiritual, atraindo romeiros de diferentes partes do município e do estado. Nascida e criada no Sítio Olho do Morcego, área rural do município de Monteiro/PB, onde reside até hoje, Maria Helena é de uma família numerosa, trabalhou por muitos anos como empregada doméstica e aprendeu o ofício de costureira por iniciativa própria. Relatou que seu sítio constitui uma comunidade antiga, formada, em parte, por seus ascendentes, cujos avós migraram para a localidade e foram alguns dos primeiros habitantes do lugar. Quanto à criação do Santuário, ela remonta a uma revelação atribuída ao seu esposo, ocorrida em meados dos anos 2000, e, com o tempo, ela própria tornou-se uma referência religiosa da comunidade, sendo frequentemente procurada para relatar a história e os significados do espaço.

Maria do Socorro e José Martins, este conhecido como “Tico das Panelas”, formam um casal de artesãos ceramistas com cerca de 60 anos de idade. Ambos são negros e residem há vários anos no Sítio Barra Nova, no município de Monteiro/PB, para onde se mudaram após viverem no Sítio Serrote. A mudança ocorreu em função da necessidade de acesso a um tipo específico de barro adequado à produção cerâmica. Dona Maria do Socorro aprendeu o ofício aos 18 anos, dando continuidade à tradição de suas avós paterna e materna, que eram reconhecidas como “louceiras”. Posteriormente, ensinou a técnica ao esposo, que afirma dedicar-se à cerâmica há mais de 40 anos, compreendendo o trabalho com o barro como elemento central de sua trajetória de vida.

Em uma oficina instalada na própria residência, o casal produz diversos artefatos cerâmicos, como vasos, ex-votos, brinquedos, filtros de barro, potes, panelas, cuscuzadeiras, tigelas, vasilhas, copos e peças decorativas. O processo produtivo é inteiramente artesanal, marcado pela delicadeza e pelo caráter minucioso das etapas de beneficiamento. As peças são moldadas manualmente, com o auxílio de instrumentos rústicos, tais como estilete, peneira, pedaços de couro e de madeira, sabugo de milho, pedra e espátula. A comercialização ocorre na própria residência, em feiras da região e na Sala do Artesão, espaço localizado na sede da Prefeitura Municipal de Monteiro.

José Edmilson Jacó da Silva, conhecido regionalmente como Zé Rezador, 48 anos, agricultor, feirante e curandeiro, nasceu em 1977, no município de Monteiro/PB, sendo criado no Sítio Amaro, onde reside há aproximadamente 48 anos. Associa a história da comunidade à trajetória de sua própria família, cujos pais, avós e bisavós também viveram na localidade. Estima-se que a ocupação familiar na área ultrapasse um século. A propriedade, com cerca de 44 hectares, foi transmitida entre gerações e abriga um antigo moinho de grãos, utilizado durante anos por moradores da comunidade ao longo do tempo. Autodeclarado negro e orgulhoso de sua identidade, afirma ter aprendido a prática das rezas com o pai, também rezador. Atualmente, realiza rezas voltadas ao tratamento de diferentes males, como dores de cabeça, dores de dente, bicheiras e mau-olhado, entre outros. Segundo seu relato, pessoas de diversas cidades da região, como Monteiro, Sumé e Congo, procuram seus trabalhos. Destaca

que não cobra pelas rezas, compreendendo essa prática como herança cultural e ato de solidariedade. Além disso, exerce a atividade de “cirurgião prático”, ofício que aprendeu de maneira autodidata, motivado pela necessidade de prestar assistência a animais, na ausência de médicos veterinários. Atua na dinamização das práticas culturais locais, sendo um dos primeiros moradores a fortalecer a Pega de Boi na comunidade, manifestação vinculada à cultura vaqueira. Também organiza, há aproximadamente 18 anos, uma das mais expressivas festas juninas dos sítios de Monteiro, realizada anualmente na segunda semana de junho, em homenagem a São João Batista, reunindo participantes de diferentes sítios da região.

Josivani Caiano da Silva, conhecida pelo epíteto de Josi, 47 anos, mulher negra, agricultora, ambientalista, ecologista, botânica e fazedora de cultura. Nascida e criada na região de Monteiro, é profunda conhecedora das ervas medicinais extraídas da flora do bioma Caatinga. É idealizadora e responsável pelo Memorial Zabé da Loca, localizado no Sítio Santa Catarina, área rural do município, onde também é moradora antiga. Por mais de 23 anos, Josi acompanhou de perto parte da trajetória de sua madrinha, a artista Isabel Marques da Silva, mais conhecida como Zabé da Loca, tornando-se uma guardiã da memória dessa importante pifeira para a cultura popular do Cariri e do Nordeste brasileiro. O Memorial, bastante visitado, foi criado para homenagear Zabé da Loca e reúne acervo documental e iconográfico, objetos pessoais, instrumentos musicais, prêmios e troféus da artista.

Atualmente, o espaço é reconhecido pelo Ministério da Cultura do Brasil como Ponto de Cultura. Em suas narrativas orais, Josi relatou que Zabé e sua família vieram de Buíque/PE, onde nasceu e viveu até os 16 ou 17 anos. Posteriormente, seus pais, acompanhados dos dois filhos, migraram para o Sítio Água do Neto, vizinho ao Santa Catarina, em Monteiro/PB, na década de 1940, para trabalhar na colheita do algodão. Zabé morou durante muitos anos em uma loca – formação rochosa que servia de abrigo – onde passou grande parte de sua vida. Agricultora, aprendeu a tocar, aos sete anos de idade, diversos instrumentos de sopro, corda e percussão, alguns confeccionados por ela mesma, animando festas sagradas e profanas. Entre suas referências musicais, destacam-se Luiz Gonzaga e Benedito José. Reconhecida tardiamente em âmbito nacional e internacional, recebeu diversos prêmios. Faleceu aos 93 anos, mantendo-se em atividade musical até os 90. As memórias narradas por Josi e registradas pelos extensionistas revelaram-se fundamentais para a construção do inventário do patrimônio cultural de Monteiro, especialmente no que se refere ao mapeamento e à valorização dos fazedores de cultura da região do Cariri paraibano.

Clemilda Inácio da Silva Bezerra tem 54 anos e é a principal idealizadora do Museu do Agricultor, inaugurado em 2019, no Sítio Limitão. O museu particular reúne peças antigas do cotidiano rural, incluindo maquinários utilizados no trabalho agrícola, móveis, utensílios domésticos, roupas, imagens de santos e outros tantos objetos com expressiva significância simbólica e histórica. Conforme ela mesma menciona, não se trata apenas de um conjunto de objetos, mas de partes constituintes da memória de um coletivo, sobretudo da Comunidade rural do Limitão; por isso, são bens de valor inestimável que devem ser preservados e assegurados.

Para além dos pertences materiais que revelam lembranças e materializam memórias, Clemilda revela grande apreço pela genealogia, mormente local, estudando sua própria história e de outras famílias de seu entorno, auxiliando na capacidade de correlacionar matéria e memória, entendendo os mais intrínsecos aspectos de ambas. Em virtude dessa capacidade, é capaz de falar com notória precisão da origem de determinado material, quem, quando e como esse foi utilizado, dentre outros conhecimentos que a revelam também como profunda conhecedora da história, que recorrentemente transcende os limites de sua comunidade, alcançando recortes municipais e até regionais. Clemilda também se mostra profunda detentora de memórias, que marcam sua infância, adolescência e adultez, que remetem à formação da comunidade e às vivências cotidianas.

Maria Soniete Teixeira de Araújo, popularmente conhecida como Neta, tem 52 anos e atua como comerciante no mercado público de Monteiro, além de ser agricultora desde a tenra infância. Nascida em 1973, é oriunda do município de Monteiro-PB, porém foi criada nas imediações do Sítio Santa Catarina, na comunidade Louro, onde reside até os dias atuais. Como ela mesma destaca, sua trajetória de vida foi sempre marcada por muita luta e por outras tantas vitórias. Em uma casa com nove irmãos, sendo ela uma das mais velhas, assumiu desde muito cedo muitas responsabilidades, principalmente no que tange ao cuidado com a casa e com os irmãos. Diante de tudo, além da falta de transporte, estudou pouco e “só aprendeu a juntar as palavras”. Neta também faz menção a outras memórias, que incluem a festa da padroeira em Monteiro, o São João no sítio, os almoços preparados por sua avó Biu e, principalmente, as noites dedicadas a contar as “histórias dos mais antigos”, em que adultos e crianças se reuniam sob um candeeiro antigo, única fonte de luz. Soniete percorre o tempo, recorda as brincadeiras durante a noite, quando mais jovem, assim como ao preparo da renda renascença, prática bastante comum entre as mulheres da família e outras da redondeza. A atividade da renda renascença envolvia um trabalho minucioso e uma ótima visão, afetada após anos de trabalho quase no escuro, como Neta manifesta. A renda era vendida em feiras locais para complementar a renda da família e promover a aquisição de alguns outros bens mais pessoais. Atualmente, Maria Soniete ainda pratica a renda renascença, porém com uma menor frequência e para fins próprios, produzindo peças para o uso doméstico.

José Alencar de Lima, popularmente conhecido como Seu Dudé, ou ainda, Mestre Dudé da Mazurca – titulação que lhe foi conferida pelo governo do estado da Paraíba – tem 76 anos e é natural do município da Prata-PB. Conforme mencionado por ele, mudou-se para o Sítio Santa Catarina ainda bem jovem, onde reside atualmente. Seu Dudé é símbolo vivo da prática da mazurca, comumente conhecida também como coco de mazurca, manifestando a tradição cultural por meio do canto e da dança. Seu Dudé conta que seu primeiro contato com a prática local foi muito cedo, ainda aos nove anos de idade, quando outros cantadores e praticantes da mazurca convidavam os mais novos para também cantar e mazurcar. Da geração anterior à sua, no que se refere aos fazedores de cultura, menciona Louro Preto, idealizador de muitas festas e cantorias, a dificuldade de manter viva a tradição após sua morte, bem como os desafios diante das novas gerações que demonstram desinteresse pela expressão cultural. Assim, a falta de perspectiva de continuidade é um sentimento constante. O mestre também faz menção às alterações na prática cultural, que se faziam necessárias em detrimento do cansaço exacerbado do cantador, responsável por cantar e dançar de modo concomitante. Essa alteração passou a dividir o grupo entre os que cantam, os que dançam e os que tocam algum instrumento, normalmente pandeiro ou ganzá.

Luciano de Azevedo Silva, conhecido como Karabina ou Asley Ravel, é um produtor cultural que trabalha com audiovisual no município de Monteiro-PB. Natural do Sítio Pitombeira, zona rural de Monteiro-PB, tem nas memórias de sua vivência rural caririzeira o fio condutor de sua atuação no registro da cultura nordestina. Possui um acervo que pode ser acessado em seu canal do YouTube - Retrato Nordestino¹. Desde 2002 reside na zona urbana de Monteiro, tem 48 anos, é ativista cultural, conhecedor dos aspectos históricos de Monteiro, registrando as suas impressões socioculturais por meio de fotos e vídeos, por ter grande apreço pela fotografia. Destacou como traço da cultura do município a existência e resistência de grupos de Mazurca, dança do folclore nordestino derivada da Marzuca europeia, e tocadores de pífanos.

Suas produções audiovisuais destacam também a culinária do cariri, abordada pelo viés da tradição e ancestralidade nas etapas de preparação, como por exemplo o “Bolo de Caco”, que é uma broa/bolo plano, também conhecido como orelha de pau, feito com farinha de trigo, leite e ovos, assado em frigideira e, no passado, em recipientes denominados “cacos”. Luciano

¹ Informação disponível em: <https://www.youtube.com/@retratonordestino>.

destacou também as novenas – práticas religiosas realizadas por nove dias – em homenagem a São Miguel, que aconteciam nas residências dos moradores do Sítio Pitombeira, com partilha de comidas típicas e fortalecimento do sentimento comunitário. Como lugares importantes que a comunidade acessa e tem identificação, destacou a Serra e o Açude do Sítio Pitombeira como espaços que marcam a história da comunidade.

Fátima de Souza nasceu, cresceu e reside até os dias atuais na cidade de Monteiro-PB. Mulher, caririzeira, tem 61 anos de idade e relatou sobre a história da criação do município de Monteiro, os modos de organização das Festas de São João (sociocultural) e da Padroeira da cidade (religiosa), Nossa Senhora das Dores, realizada na Igreja Matriz de Monteiro, ao longo dos anos. Ressaltou os antigos carnavais que marcaram a vida social monteirense, evidenciando um calendário de eventos que marca culturalmente a cidade. Ela identifica os casarões antigos das ruas principais e centrais da cidade de Monteiro como importantes patrimônios materiais, pela sua riqueza arquitetônica, relacionando-os às famílias às quais pertenceram/pertencem. Também frisou aspectos históricos do cotidiano dos monteirenses, como a existência do antigo cinema de Chico Venâncio, atual Teatro Municipal; o sistema de funcionamento da iluminação pública noturna da cidade, as programações da rádio difusora da cidade, equipamentos estes que, segundo a entrevistada, marcaram a cultura e os costumes da cidade. Sobre aspectos da culinária, Fátima mencionou o doce “Beira Seca”, parecido com um pastel, feito com farinha e recheado com chouriço – doce feito a partir de sangue suíno.

De posse do material pesquisado, a equipe participante do projeto fez a entrega dos documentos históricos aos extensionistas responsáveis pela atividade no *Campus* Monteiro. Após essa etapa, foi feita uma sistematização dos relatos orais das pessoas entrevistadas e, com elas, constatou-se uma série de vestígios, elementos, experiências, memórias subterrâneas e identificação desses sujeitos com o patrimônio que geralmente não estava incluído nas produções históricas concernentes a essa espacialidade. Listamos, a seguir, no Quadro 2, parte dos bens culturais mapeados e identificados pelos sujeitos entrevistados, bem como inventariados pela equipe do projeto no Território de Monteiro.

Quadro 2 – Categorias de patrimônio mapeados no Território de Monteiro

Patrimônio Cultural		
Nome do Bem	Categoria	Localização
Santuário Nossa Senhora de Fátima	Lugares/Celebrações/Objetos	Sítio Olho d’Água do Morcego
Produção de Cerâmica no Sítio Barra Nova	Saberes/Objetos	Sítio Barra Nova
Reza, Festa Junina e Pega de Boi, Moinho de Pedra	Forma de expressão/Celebrações/Objetos	Sítio Amaro
Memorial Zabé da Loca	Lugares/Objetos	Sítio Santa Catarina
Renda Renascença	Saberes/Objetos/Modos de fazer	Sítio Santa Catarina
Mazurca/Coco de Mazurca e Cantadores	Formas de Expressão/Saberes/Práticas Culturais	Sítio Santa Catarina
Memória Cultural e Modos de Vida	Memória Social/Saberes/Modos de Fazer/Tradições Culturais Rurais	Sítio Limitão
Museu do Agricultor	Lugares/Memória Social/História Local/Cultura Rural	Sítio Limitão
Igreja Matriz, Festa da Padroeira e Novenas	Lugares/Celebrações	Cidade de Monteiro Sítio Pitombeira
Beira Seca (doce) e Bolo de	Saberes/Modos de Fazer	Cidade de Monteiro

Caco		
Serra e Açude da Pitombeira	Lugares/Celebrações	Sítio Pitombeira
Mazurca e Tocadores de Pífanos	Formas de Expressão, Saberes/Práticas Culturais	Cidade de Monteiro

Fonte: elaborado pelos autores (fev. 2026).

Para além das possibilidades levantadas, o trabalho de pesquisa e extensão, segundo Silva (2018, p. 17), apontou para futuras pesquisas no que diz respeito aos bens que constituem o patrimônio histórico da comunidade. Essa condição permitiu inferir que o trabalho realizado por cada estudante e equipe do projeto em campo, ampliou a formação das possibilidades reflexivas frente aos/as discentes do IFPB-MT. Ademais, a prática da pesquisa e da extensão incorporada ao ensino possibilitou uma experiência importante no processo de ensino e aprendizagem dos/as alunos/as, tendo como campo de pesquisa sua própria comunidade, cuja ideia é salvaguardar os bens culturais considerados importantes para a memória do lugar “[...] e legar para gerações futuras” (Soares, 2007, p.8).

Com isso, o exercício do trabalho de campo, como última etapa do projeto, permitiu aos participantes o acesso e atividade prática com variadas fontes históricas (oralidades, documentos, fotos, objetos), no intuito de levantar questões a respeito do processo de formação da diversidade e identidade cultural dos/as participantes a partir da interação com o lugar onde vivem e sociabilizam.

3 Considerações finais

Como elucidado ao longo do texto, o projeto “Inventário Participativo do Patrimônio Cultural de Monteiro” possibilitou conhecer, mapear e definir bens culturais presentes no entorno do *Campus* Monteiro. Em um cenário que muitas vezes carece do reconhecimento e da valorização do patrimônio, é oportuno que as instituições fomentem e, ao mesmo tempo, despertem a curiosidade e a reflexão dos acadêmicos, ainda no ensino básico, a respeito da importância da preservação do mesmo. Com um número significativo de estudantes participantes das etapas do projeto (oficinas de formação e documentação), constatou-se boa aceitação e engajamento do alunado da instituição no desenvolvimento da proposta, o que, por sua vez, contribuiu para fomentar o estímulo ao trabalho de extensão e pesquisa histórica, assim como novas formas de aprendizagem no ensino médio.

Ao tecer comentário sobre as atividades extensionistas realizadas em campo pelos estudantes, docentes e técnicos do parceiro social, observa-se que estas podem contribuir para a construção de posturas críticas e reflexivas sobre o meio onde atuam, sobretudo nas áreas de História, Arqueologia, Geografia, Sociologia, Biologia, Língua Portuguesa e Antropologia, isto é, de interesse interdisciplinar, com enfoque no reconhecimento de bens culturais e na percepção, reconhecimento e valorização de outras identidades. Durante a execução do projeto observou-se, ainda, que o trabalho de extensão do projeto não se dissocia da iniciação científica prevista na educação profissional, técnica e tecnológica ofertada pelos Institutos Federais. Portanto, as histórias de vida e os bens culturais do entorno do *Campus* Monteiro do IFPB, no Território do Cariri Paraibano, foram importantes para a estruturação de conhecimentos sobre a comunidade, bem como para despertar noção de cidadania e participação ativa da comunidade estudantil em suas comunidades de referência, a partir de noções, conceitos e categorias de patrimônio cultural e sua valorização.

Cabe ponderar que não foi objeto deste texto problematizar os questionários de entrevistas orais aplicados em sua totalidade, o estudo infográfico das imagens e documentos registrados, coletados e/ou construídos pelo alunado voluntário, bolsista e equipe executora nas ações de

extensão, mas enfatizar como se deu a construção/processo de pesquisa junto aos familiares destes e o percurso de descoberta e (re)conhecimento de suas histórias, de suas heranças culturais e trajetórias de vida. Nesse sentido, tais resultados, materializados por estudantes e equipe participante em produções específicas durante essa experiência (fotografias, entrevistas, dentre outros), podem resultar em reflexões profícuas, em momento posterior, inclusive no próprio preenchimento de relatórios do projeto de extensão na plataforma SUAP, onde encontram-se parte dos registros fotográficos da ação.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, J. C. B. de; COSTA, L. F. História de vida: aspectos teóricos da Psicossociologia clínica. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 24-31, 2015. DOI: 10.15329/2318-0498.20150004. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v23n2/v23n2a04.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologias das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MAGNANI, J. G. C.; MORGADO, N. Tombamento do Parque do Povo: futebol de várzea também é patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, n. 1-15, 1996. Disponível em: https://ludopedio.org.br/biblioteca/tombamento-do-parque-do-povo-futebol-de-varzea-tambem-e-patrimonio/?srsltid=AfmBOops13UilO0s_ONtwFIqpQFgJa33jWtkMthNBhOPcUs7_T2azsA. Acesso em: 11 fev. 2026.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. Campinas: Loyola, 1996.
- RÊGO, S. N. A Educação Patrimonial E O Ensino De História. In: X ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA - HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS E SABERES, 2006, Fortaleza-CE. **Anais [...]** Fortaleza-CE: Anpuh, 2006. Disponível em: <https://www.ce.anpuh.org/>. Acesso em: 11 fev. 2026.
- SOARES, L. A. R. (org.). **Educação Patrimonial: teoria e prática**. Santa Maria/RS: Ed. UFSM, 2007.
- SILVA, J. W. S. **A Festa do Divino Espírito Santo**: Religiosidade e cultura popular no Guaporé. Curitiba: Prima, 2018.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- TEIXEIRA, J. S.; TEIXEIRA, A. D. da C.; CHAVES, M. F. Educação patrimonial: um horizonte a ser desvendado. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, n. 6, p. 593-599, 2013. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/218>. Acesso em: 11 fev. 2026.